

ÍNDIOS SÓ FAZEM FILHO QUANDO EU DEIXO. TUDO OBEDECE ÀS ORDENS DO REI.

De Tutu Pombo, que morre deixando o segredo de um chá que inibe a fertilidade masculina.

Morre Pombo, índio "branco".

O CACIQUE CAIAPÓ SUCUMBIU ÀS DOENÇAS GERADAS PELA CIVILIZAÇÃO QUE O CRIOU

O cacique caiapó Tutu Pombo, "rei para os índios e coronel para os brancos", como gostava de se autoproclamar desde que lestituiu o cacique Raoni da liderança de seu povo, há dois anos, morreu ontem de madrugada no hospital que a Companhia Vale do Rio Doce mantém na serra dos Carajás, no Sul do Pará e a 700 km de sua aldeia.

Aos 66 anos, o cacique que abriu as reservas indígenas para os garimpeiros e madeireiros morreu de "doença de branco", segundo o diretor do hospital, Antônio Eduardo Aguiar, que o havia recebido na última quinta-feira em estado de coma, com pneumonia bilateral, diabetes, hipertensão arterial e derrame cerebral. Um infarto às 4 horas de ontem encerrou o reinado desse índio criado entre os brancos e que aos 15 anos de idade voltou à aldeia Kikretun para se tornar conselheiro do cacique e depois seu sucessor por mais de 40 anos.

A partir dos anos 60, depois de se tornar amigo de um major do Conselho de Segurança Nacional, Marco Antônio Luchini o "major Curió" do caso PC), Pombo deixou de combater os garimpeiros e madeireiros e passou a vender-lhes o que estes antes tomavam à força. Obtinha faturamento anual de US\$ 4 milhões a 6 milhões (segundo os madeireiros) ou uma quantia 11 vezes menor, conforme o Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi).

A Fundação Nacional do Índio informa que o cacique será enterrado amanhã com o corpo do pintado e junto com seus objetos pessoais, que incluem colares, relógio de ouro e cocar de penas amarelas. Os 34 caciques e os 1.946 índios das cinco aldeias que ele comandava em 1,2 milhões de hectares devem ficar em silêncio durante o dia e a noite de hoje. Leitutu, sua esposa há 46 anos, vai cortar seus cabelos.

Randau Marques

Sucessão difícil

FILHOS DISPUTAM

A morte de Tutu Pombo abre disputas em torno de seu nome e de suas riquezas. O irmão do cacique, Duedjare, coordenará a partilha do patrimônio, distribuído entre os oito filhos do "rei". Não se sabe, ainda, que parte caberá a Nenê, a amante branca que o "coronel" mantinha numa casa com mil metros quadrados no povoado paraense de Tucumã e com quem teve a filha Iara, 5 anos. O provável sucessor de Pombo na aldeia Kikretun é seu filho mais velho, Pitu. Mas como ele e seu irmão Nity são acusados pela morte de um homem branco em Redenção, há dois anos, é provável que a sucessão de Pombo não seja pacífica. Logo após seu enterro, o conselho de caciques vai-se reunir para tratar do assunto. O mais provável é que Bebaity, outro filho a relacionar-se com os brancos, assumirá o posto na aldeia.

Tutu Pombo transformou-se no líder caiapó após ter sido desprezado pelo roqueiro Sting em 1988, quando este escolheu o cacique Raoni para percorrer o mundo em busca de recursos para os índios. Pombo passou a voar de aldeia em aldeia distribuindo remédios, alimentos e presentes, além de um discurso eficiente: "Raoni se diverte no estrangeiro enquanto o velho Tutu mata a fome de vocês". Seis meses e Cr\$ 15 milhões mais tarde, 39 caciques de 12 aldeias destituíram Raoni, defensor da manutenção das riquezas naturais, e elegeram Tutu Pombo.

Com 1m80 e 100 quilos, o cacique já inspirava cuidados em junho último, quando participou da Rio-92 e se queixou da baixa renda obtida junto aos madeireiros e garimpeiros. Transportado às pressas para o hospital num de seus dois aviões particulares, Tutu Pombo leva consigo um segredo: um chá capaz de inibir a fertilidade masculina em sua aldeia e com o qual, apontando os guerreiros, costumava brincar: "Eles só fazem filho quando eu deixo. Tudo obedece às ordens do rei."



O cacique Tutu Pombo, morre aos 66 anos, de infarto: caiapós lutam agora por sua sucessão e suas riquezas.

UM POVO EM CRISE

Lideranças caiapós podem acabar na prisão

Tempo difícil para os Mebêngôkre, ou povo do olho d'água, como os caiapós se chamam. Além da morte do cacique Tutu Pombo e da crise coletiva de identidade cultural que desde o início dos anos 90 substituiu o amor à tradição por vícios como o alcoolismo, dois de seus líderes correm o risco de serem condenados pela Justiça.

O caso mais célebre é o do cacique Paulinho Paiakã e de sua mulher Irekrã, acusados de autoria e co-autoria de estupro contra a estudante Sílvia Leticia da Luz Ferreira. Mas também causa apreensão a possibilidade do cacique Kube-i, enquadrado em 88 com base no Estatuto dos Estrangeiros, acusado pela Justiça Federal de "denegrir a imagem" do Brasil no exterior ao lutar contra a devastação ambiental, ter a sua prisão preventiva decretada. Dessa vez, a acu-



Paiakã: novas provas contra a esposa Irekrã

sação é tentativa de assassinato contra o aposentado Antônio Leandro da Silva, que em cinco de junho último teria sido alvejado em Redenção pelo cacique e outros dois índios. Logo de-

pois de uma discussão em que foi acusado de estar roubando madeira da reserva caiapó, Leandro teria sido perseguido pelos índios e as marcas de tiros em sua caminhonete estão sen-

do consideradas incriminatórias pelo delegado Raimundo Moraes, que vai pedir ao juiz de Redenção, José Maria Teixeira, a prisão de Kube-i.

Esse mesmo juiz marcou para o próximo dia 15 de setembro o depoimento das testemunhas de defesa do casal Paiakã, e promete revolucionar processo, apresentando ao júri uma fita gravada durante o depoimento de Irekrã à CPI do Congresso Nacional que apura a violência contra as mulheres. Em vários momentos, a mulher de Paiakã se dirige à deputada Sandra Starley, que preside a CPI, em bom português para corrigir o índio encarregado da tradução. Caso se confirme a autenticidade da fita, Irekrã poderá ser condenada por falso testemunho, pois não revelou seu verdadeiro grau de aculturação para ser considerada inimputável.